



**REENCONTROS  
NOVOS ESPAÇOS  
OPORTUNIDADES**

**XXXIV SIC** Salão Iniciação Científica

**26 - 30  
SETEMBRO  
CAMPUS CENTRO**

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2022: SIC - XXXIV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2022
<b>Local</b>	Campus Centro - UFRGS
<b>Título</b>	A autopoiese como ponto de partida teórico para a inteligência artificial
<b>Autor</b>	HENRIQUE STEMMER RODRIGUES
<b>Orientador</b>	EROS MOREIRA DE CARVALHO

O que faz o mundo ter sentido para nós? Seria possível criar uma máquina para a qual o mundo fizesse sentido do mesmo jeito que faz para nós? A inteligência artificial (IA) e a filosofia da mente tratam destas questões.

Neste trabalho é proposta uma resposta a partir da teoria enativista autopoietica. Um sistema autopoietico é definido de forma operacional, o que significa que a sua identidade é caracterizada por uma relação específica entre suas partes. Assim, mesmo que cada parte deixe de ser a mesma, o sistema mantém a sua identidade enquanto ele mantiver a organização que o define. O conceito essencial para compreender a vida operacionalmente é a autopoiese. Um sistema autopoietico é um sistema que tem a capacidade de se autoproduzir e se distinguir do ambiente, ou seja, ele é um sistema cujos processos permitem a criação de suas partes e a manutenção dos outros processos, formando uma rede circular cuja soma dos processos trabalha para manter as condições que lhes dão origem.

Para o enativismo, o sentido origina-se do sense-making, uma característica de sistemas autopoieticos. Uma vez que um organismo tende a manter sua autopoiese, é possível dizer que as coisas no mundo podem auxiliar ou ameaçar a sua manutenção, o que significa que elas têm um valor positivo ou negativo para ele, elas fazem sentido.

Podemos ver o enativismo como uma resposta ao problema do sentido na criação de uma IA. Com este ponto de partida teórico, é possível começar a responder a pergunta de como seria uma IA que visse sentido no mundo. O enativismo permite respostas diversas. Seria necessário criar um ser capaz de metabolizar? Ou seriam outras redes não metabólicas, como redes de hábitos, suficientes para o surgimento do sentido? Estas questões serão analisadas, levando em conta as considerações teóricas apresentadas acima.